

36º Encontro Anual da ANPOCS
21 a 25 de outubro de 2012

GT 09 – Esporte e Sociedade

Título do Trabalho:

Por uma “etnografia dos vestiários”: do futebol e outros esportes na sexualização dos espaços

Autor:

Dr. Wagner Xavier de Camargo

Instituição:

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

POR UMA “ETNOGRAFIA DOS VESTIÁRIOS”: DO FUTEBOL E OUTROS ESPORTES NA SEXUALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

Resumo

Este *paper* tem como mote temático os vestiários esportivos e as relações sócio-sexuais e simbólicas neles desenvolvidas por atletas-sujeitos de competições internacionais esportivas LGBT (lésbico-gay, bissexuais e transgêneras). Foi buscando o que, de fato, pode haver de tão instigante em um espaço transitório, de pouca sociabilidade, que procurei acompanhar atletas gays de futebol, atletismo, natação e tênis de mesa, em suas rotinas competitivas, em três eventos internacionais, ao largo de uma extensa etnografia multisituada. O vestiário de trocas de roupa é um local-chave nos encontros corpo-a-corpo entre os atletas em competições esportivas. Ao ficarem nus/seminus, se expõem a outros, e partilham (mesmo sem querer), intimidades corporais. No caso dos homossexuais, alvos de minhas incursões etnográficas, tal temática aparece imiscuída a outras, ora mais às claras, ora completamente velada pelos discursos heteronormativos que, em funcionando como “oficiais”, delegam os desejos homoeróticos à esfera da “anormalidade”. O local provocou comentários de “asco”, “nojo” ou desagrado em relação ao que traz (roupas sujas, suor, esbarrões não desejados, mal-cheiros, contato pele-a-pele) e ao que invoca (necessidade de limpeza), mas também houve relatos em que o vestiário figurou como lugar de fetiche, fantasia, imaginação, potencialidade de encontro. Tentando explorar tais contradições discursivas e desejanças, busco discutir mais aprofundadamente tais locais como espaços-chave nas constituições psíquicas dos sujeitos.

Palavras-chave: vestiários esportivos; competições LGBT; sexualização dos espaços

1. Introdução

O presente texto tem por finalidade trazer à tona uma discussão não tão comum acerca dos espaços esportivos e suas relações com anseios e desejos intersubjetivos. Mais propriamente, refiro-me aos vestiários esportivos ou *locker rooms* (*changing rooms*), ou ainda, como aparece na literatura internacional específica, subcultura do vestiário (PRONGER, 1990; ANDERSON, 2005; ENG, 2006 e 2008). O que, efetivamente, pode haver de tão instigante e distinto num espaço transitório, de sociabilidade pouco aparente e onde os sujeitos quase não interagem? Foi partindo dessa superfície comum, adotada acriticamente por nossas percepções sobre tais locais, que busquei e acompanhar atletas gays de futebol, atletismo, natação e tênis de mesa, em suas rotinas esportivas, em três eventos internacionais, ao largo de uma extensa etnografia em meu doutorado.¹

¹ O doutorado vigorou de fev/2008 a fev/2012 e realizou uma etnografia *multisited*, nos termos clássicos de George Marcos (1995), onde o antropólogo circula por vários lugares e estabelece a conexão entre esses, resgatando os significados das práticas sociais dos sujeitos e estruturando o argumento etnográfico. Os eventos etnografados ao longo da investigação foram competições esportivas LGBT (de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros/as): os II Jogos Mundiais Outgames (II World Outgames), em 2009, Copenhague (Dinamarca); os VIII Jogos Olímpicos Gays (VIII Gay Games), em 2010, Colônia (Alemanha); e os II Jogos Continentais Norte-americanos (II North American Outgames), em 2011, Vancouver (Canadá).

Vestiários e banheiros são espaços edificados com caráter e propósitos distintos, mas acabam apresentando traços comuns, ou seja, são locais discriminatórios de gênero; envolvem uma atmosfera “secreta” ou “de segredo”, onde o que nestes lugares se diz (ou se faz) não transpassa portas ou paredes; são lugares de dejetos múltiplos, que escorrem, vazam e se espalham anônimos e invisíveis; caracterizam-se como represas contentoras da intimidade, que quando partilhada, apenas o é velada e momentaneamente, num lapso de segundos ou minutos. Particularmente os vestiários, por serem arenas de encontros coletivos dos corpos nus e seminus, oferecem instigantes desafios reflexivos.

Em recente publicação, Lee Edelman (2011) comenta o caso de um banheiro masculino, onde acima dos urinóis foram retiradas janelas e instalados televisores com o propósito de “entreter” o olhar enquanto se cumpriria a função fisiológica do urinar. Para o autor, entretanto, tal instalação reflete aquilo que quer ocultar, isto é,

(...) que o banheiro dos homens é um espaço estranho, onde o olhar da ordem simbólica vê os corpos masculinos dentro do significado social, estabelecendo, desse modo, o banheiro dos homens como um ponto nodal, um marco zero, na compactação cultural da masculinidade numa lógica de relações visuais (EDELMAN, 2011, p. 262).

O olhar, impedido de procurar rotas de fuga (janelas), volta-se a si mesmo, num processo de interioridade, e o olho é, simultaneamente, proibido pela arquitetura do espaço de se dirigir ao que o urinol (reformado) insiste em invisibilizar. Desse modo, para Edelman, o banheiro masculino (e os urinóis) constitui(em)-se no lugar do “olhar simbólico”, de um espaço que monitora o circuito das relações visuais, interpelando a própria visão do sujeito. O banheiro masculino, então, transforma-se numa arena privilegiada da anuência do corpo com a regulação cultural do desejo, estabelecendo-se como lugar crítico para entendimento da formação das subjetividades masculinas.

Esse espaço do banheiro masculino já fora pensado antes de um ponto de vista historiográfico, a partir da reestruturação urbana realizada em Paris por arquitetos e urbanistas, na metade do século XIX. Andrew Ross (2009) resgata a construção de urinóis no centro da capital francesa, naquela época como medida administrativa do Estado e, ao mesmo tempo, como disciplina do corpo. No entanto, tais profissionais jamais poderiam imaginar que as mudanças modernistas cidadinas causariam alterações no modo como os espaços seriam apreendidos pelos parisienses, que transformaram os urinóis em lugar de prática de sexo entre homens. Segundo o autor, “public urinals were the most important rendezvous for men seeking sex with other men in nineteenth-century

Paris” (ROSS, 2009, p. 75). Se por um lado a visibilidade externa tornava os urinóis facilmente reconhecíveis a qualquer passante, por outro era totalmente obscuro para cidadãs/ãos o que acontecia por trás de suas paredes. E mais: Ross explica que o uso destes locais para encontros e práticas de sexo entre homens desafiava o próprio entendimento dos administradores municipais acerca do efetivo controle (disciplinar) sobre a cidade. Não se tratava apenas de preconceito cultural arraigado contra as práticas eróticas de mesmo sexo, mas porque essas ilustravam como a (nova) cidade poderia ser apropriada para fins dissonantes (subversivos, em outras palavras) daqueles planejados.

Atualmente nossos banheiros separados por sexo enfatizam um conceito de separação público-privado entre “mulheres” e “homens”. Dessa forma, percebe-se que ao passo que banheiros femininos funcionam como santuário privado de feminilidade, os masculinos seriam extensão da natureza pública da masculinidade. Num trecho de sua importante pesquisa sobre masculinidades femininas, Judith (Jack) Halberstam (2008) ocupa-se com a segregação de gêneros no que diz respeito aos espaços dos banheiros e às restrições imputadas aos mesmos. Para ele, ao passo que em banheiros femininos predominariam *códigos de gênero*, nos masculinos vigorariam *códigos sexuais*. Salienta, em outras palavras, que “(...) el servicio de caballeros constituye tanto una arquitetura de vigilancia como una incitación al deseo, un espacio de interacción homosocial y de interacción homoerótica” (HALBERSTAM, 2008, p. 47), algo muito semelhante já postulado anteriormente por Edelman (2011).

É nessa complexidade de questões que se assenta meu interesse, particularmente, nos vestiários das competições esportivas LGBT, não somente por serem espaços que fazem parte de tais eventos, mas sim pela dinâmica de desejos posta em prática pelos sujeitos, naquilo que denomino *sexualização dos espaços esportivos*. Se por um lado, atletas LGBT ressignificam de modo distinto tais espaços (por exemplo, erotizando-os ou execrando-os), por outro, também reproduzem uma série de comportamentos assimilacionistas em relação aos mesmos, que são similares aos/às dos/as atletas heterossexuais. Começo descortinando as relações de tais lugares através de uma cena presenciada por mim, no vestiário da pista de atletismo do Estádio *Rheinenergie*, em Colônia (Alemanha), nos VIII Gay Games, em 2010.

Após a prova de 5 km em que havia competido, e tendo chegado da prova bastante cansado, deitei-me em um banco de madeira do vestiário por alguns minutos. Logo resolvi tomar banho e, quando adentro a área das duchas, avisto, num primeiro

plano e escondido atrás de uma mureta, a figura de um rapaz, vestido de jeans e jaqueta — roupas inapropriadas para aquele local — masturbando-se para uma cena de sexo que acontecia a uns cinco ou sete metros de distância, exatamente debaixo das duchas. Ao me identificar, tal sujeito ficou incomodado, e eu acabei desistindo do banho, porque decidi não “atrapalhar” o que ocorria — apesar de ter ficado alguns minutos tentando compreender o que se passava.

O que chama atenção é que a prática sexual em recintos de vestiário de troca de roupa — principalmente na área das duchas — é, em geral, rara, senão inexistente. Ao menos isso é o que argumenta John Alan Lee (1978, p. 140), quando mapeia o que chama de *ecossistema gay*: “Sexual attraction is rarely consummated in the shower room. The partners, having indicated mutual interest by the usual signs, such as reaching out to touch, or self-lathering to the point of erection, will move into a nearby toilet cubicle or return to a room”. Claro que as observações do autor são datadas (anos 1960, nos EUA). Porém, minhas observações etnográficas nas competições esportivas LGBT apontam noutra direção.

Mediante ao exposto, acredito que há mais desdobramentos possíveis e, por isso, lanço-me a eles: é possível tomar os vestiários (masculinos) também como extensão da “natureza pública de uma masculinidade hegemônica”, que legitimaria os códigos sexuais e, portanto, incitaria práticas de sexo casual neste contexto homosocial?

2. Corpos suados, corpos excitados: entendendo as relações “de dentro” dos vestiários

Comportamentos comparativos em relação a características corporais de gêneros são comuns desde a infância. Quando crescemos, nossos olhares para corpos definidos, esguios, obesos, musculosos, senis, ou para genitais “estranhos”, pequenos ou avantajados, além de outros detalhes corporais (como quantidade/falta de pelos, formatos de mãos, tamanhos de pés ou de narizes, comprimento de cabelos e afins), são — e sempre foram — orientados culturalmente. O ambiente esportivo fomenta esses tipos de atitude comparativa, desde a mais tenra idade até a fase adulta. Basta que lembremos as práticas narcisistas de autoapreciação dos corpos em frente a espelhos, que são bastante notórias em academias de ginástica e de musculação, ou ainda da comparação do tamanho dos pênis, em mictórios coletivos, situação que acompanha o desenvolvimento

dos sujeitos do gênero masculino desde cedo. Nos vestiários, sejam eles de academias, clubes ou mesmo no ambiente de uma competição esportiva, os corpos ficam muito mais expostos ao olhar do outro.

O vestiário de trocas de roupa é um local-chave nos encontros corpo-a-corpo entre os atletas durante as competições. Ao ficarem nus/seminus, eles/elas se expõem e partilham (mesmo sem querer), intimidades corporais. No caso dos homossexuais, sujeitos de minhas incursões etnográficas, tal temática aparece imiscuída a outras, ora mais às claras, ora completamente velada pelos discursos heteronormativos que, em funcionando como “oficiais”, delegam os desejos homoeróticos à esfera da “anormalidade” (PRONGER, 1990).

Nos depoimentos destes sujeitos, o local provocou comentários de “asco”, “nojo” ou desgosto em relação ao que lhe é inerente (roupas sujas, suor, esbarrões não desejados, mal cheiros, contato pele a pele) e ao que invoca (necessidade de limpeza), mas também trouxe relatos em que o vestiário figurou como lugar de fetiche (algo ligado ao desejo), fantasias, imaginação, potencialidade de encontro. Tentando explorar tais contradições discursivas e desejantes, busco discutir os vestiários como espaços-chave nas constituições psíquicas dos sujeitos.

Ah!... (*pausa exclamativa*), assim ó (*pausa*), é melhor jogar entre gays, né? Nos times de futebol normais a gente joga também, né. A gente é pau pra toda obra e quando estou jogando com hétero, meto a mão na bunda mesmo... hehehe. Não tenho vergonha, não. E se me encarar, eu digo: ‘que foi, vai encará?’. E eles ficam com medo. (Entrevista com JP, registro em diário de campo, 05.08.2010).

JP, brasileiro de 26 anos, “mulato”² e jogador de futebol traz, neste curto fragmento, elementos para pensar as “masculinidades” em relação aos esportes (e, mais especificamente, dentro do futebol). Por que, no limite, as nádegas são, ao mesmo tempo, o ponto de degradação do outro e de afirmação de uma heterossexualidade viril?. Ele se refere a jogos de futebol nas competições esportivas LGBT, onde é comum o “dividir o campo e a bola” com outros atletas heterossexuais. Isso porque muitas vezes, mesmo em

² Tais designações de “cor de pele” vêm entre aspas, pois chamo atenção para a “racialização” da subjetividade e, dessa forma, saliento a importância de desnaturalizar a própria categoria descritiva e identificatória para uma dimensão em que é percebida como orientadora e formadora de hierarquias e posições políticas entre sujeitos, como bem postula Judith Butler (1998).

torneios internacionais, particularmente os atletas gays não estão número suficiente para comporem equipes completas. Daí a presença de jogadores heterossexuais, em geral provindos de ligas esportivas convencionais.³

Apesar da aparente convivência pacífica em termos de aceitação sexual, o clima nos vestiários (e mesmo durante as contendias esportivas) não é tão tranquilo quanto se possa imaginar, segundo me relatou JP. Alguns atletas não compreendem bem a participação dos heterossexuais e se colocam no campo do que eu chamaria de “ambivalências conflituosas”, pois desejam seus corpos, mas condenam suas capacidades competitivas e a rivalidade por eles apresentada.

Acompanhando JP em várias ocasiões, percebi o quanto suas ações e opiniões estão influenciadas por seu imaginário sobre o que é o futebol, uma modalidade extremamente masculina e “masculinizadora”, uma referência a que Eric Anderson (2005) já havia se reportado: o futebol é considerado para a maioria como o esporte “mais masculino” e heterocentrado do mundo esportivo. E o feminilizar até os companheiros de equipe é uma prática comum, usada tanto com gays (iguais), quanto com héteros (diferentes). Como expressa o antropólogo Miguel Vale de Almeida, o costume de “feminilizar os outros” via

gestos de convite sexual que transformam a vítima em ‘mulher simbólica’, pelas brincadeiras que envolvem o apalpar dos traseiros, ou mesmo pela competição monetária, já que a capacidade econômica se associa ao lugar na hierarquia social e esta socorre-se da metáfora da dicotomia masculino/feminino e ativo/passivo (VALE DE ALMEIDA, 1995, p. 189).

JP emascula seus parceiros de equipe: se são gays, é “mais fácil jogar com eles”, pois são inábeis (ele é melhor!) e se são héteros, o gesto de tocar/apalpar as nádegas feminiliza, subordina, deixando-os “menos eficientes” no gesto atlético (em comparação a ele). Permito-me uma digressão: Roberto DaMatta (1997) escreveu, certa vez, sobre uma jocosidade entre adolescentes homens chamada “tem pente aí?”, onde os garotos apalpavam as nádegas dos colegas, insinuando buscar um pente para pentear os cabelos. Tais gestos rituais, segundo o autor, eram destinados a moldar a “masculinidade” naquela

³ Constatei tal “composição” na equipe dinamarquesa de handebol que jogava pela Pan Idraet (5 jogadores eram heterossexuais confessos) e no time de futebol de Seattle, que pelo relato dos jogadores, havia contratado um jogador heterossexual para ganhar uma etapa da liga de soccer regional (Dados extraídos de diários de campo, em 2009 e 2011).

época e conferir valores a áreas do corpo sagradas, como as nádegas (e o ânus, por extensão), zona exterior do masculino e símbolo da feminilidade, ou que atestavam o inverso da masculinidade. Como ele explica acerca da brincadeira,

em primeiro lugar, chamava a atenção para aspectos ideais e valorizados da masculinidade; depois, falava de como o masculino era constituído; em seguida, punha à prova e risco essa macheza; e, finalmente, denunciava um lado obscuro e frágil, mas importantíssimo da masculinidade, colocando-a em dúvida e em crise, pois indicava graficamente os seus aspectos ocultos – seus segredos, suas dúvidas, dívidas e dificuldades (DAMATTA, 1997, p. 43).

Essa valorização do masculino e das áreas interditas desse corpo influencia, sobremaneira, o fetiche/desejo de JP em relação à própria prática sexual com outros sujeitos. Sua construção discursiva como uma “hipermasculinização” (BRAZ, 2007) aparenta que não há outros “machos” ao seu redor que se comparem a ele, e a separação entre “ativos e passivos” — a mesma que Peter Fry e Edward MacRae (1985) descreveram na cena homossexual brasileira nos anos 1970-80 — é bastante enfatizada e marcadamente assumida. JP ainda narrou-me uma cena de banho, num chuveiro de vestiário, em que flagrou um atleta ao seu lado, com um pênis muito maior que o dele:

Daí eu tava lá, né, e veio um cara assim ó (*mostrou-me com as mãos cerca de 20 a 30 cm*) com um badalo, maluco! Não, vou dizer uma coisa: eu gosto de pau, mas grande? ... cê tá loko, ou o que?, *riu jocosamente*. Nossa senhora... vou fazer o que com aquilo? Dá uma raiva desses cara[s] com uma piroca grande, *risos*. Eu, heim? Nossa senhora... Vou dizer, viu ... Tenho uma teoria: esses cara[s] varudo[s] são tudo bichinha. Tem aquilo tudo, mas num come é ninguém. Tu não acha, não, heim maluco? (Entrevista com JP, registro de campo, 05.08.2010)

Apesar de estar participando das competições gays na Alemanha, JP manteve uma atitude — pelo menos perante a mim — de manutenção de uma “masculinidade hegemônica”, que como reportou Robert (Raewyn) Connell (2005), do ponto de vista da cultura, legitimaria o domínio do masculino. Ao meu ouvido menos ingênuo, JP desdobrava-se na defesa de uma masculinidade mais “imaginária” (ou imaginada, desejada) do que real. E essa “masculinidade imaginária”, que se aproxima muito do que Brian Pronger (1990) e Anderson (2005) designaram de “ortodoxa” (isto é, portadora de capital masculino), é constantemente ameaçada por duas situações em seu caso, segundo

percebi: a) quando outro sujeito homossexual tem um pênis maior que o dele; e b) quando outro sujeito quer, decididamente, penetrá-lo⁴. Além disso, seu comportamento poderia ser classificado como intolerante (homofóbico, diriam alguns), claramente percebido pelos preconceitos dirigidos aos outros, ao redor de si.

Não é novidade que a arena esportiva é um das maiores instituições segregadoras de gênero nas sociedades complexo-moderno contemporâneas e que, em decorrência disso, a intolerância (revestida de homofobia) figure como um componente para a manutenção de seu *status* sexista e preconceituoso⁵. Os/As atletas vivenciam momentos de intimidade corporal quanto se vestem ou se despem em todos os momentos, nos espaços coletivos das competições, como já frisei. As relações de (homos)socialidade que se dão nestes ambientes (como os vestiários) edificam-se em meio à nudez, ao contato próximo e o foco é no corpo (do “eu” e do outro). Portanto, a homossexualidade (masculina ou feminina) declarada é tida como problema, uma vez que tais espaços são hetero-arquitetados.⁶

Se atletas gays podem se superar e apresentar uma alta *performance* atlética nos esportes, pode-se dizer que desvelam a falácia sob a qual a “masculinidade” heterossexual é edificada. Seguindo esse raciocínio, Anderson (2005) salienta que a homofobia (seja velada ou explícita no discurso das instituições e dos sujeitos) é uma espécie de “remédio” contra a ameaça homossexual. Ironicamente, segundo ele, o esporte funcionaria como um meio onde os desejos pelos mesmos-sexos podem ser endereçados, acolhidos e aprofundados em ambientes homossociais.

⁴ Connell (2005) é uma teórica das mais citadas no estudo da “masculinidade hegemônica” no mundo. Ela usa o conceito de hegemonia, de Antonio Gramsci, referindo-se a uma dinâmica cultural através da qual um grupo postula e mantém uma posição de dominância na vida social frente a outros. Eric Anderson (2005), por sua vez, faz uma distinção interessante entre “masculinidade ortodoxa” e “hegemônica”: ter “masculinidade hegemônica” é atuar de “modo masculino” (tendo coragem, virilidade, assertividade, etc.) e apresentar características das formas masculinas dominantes, quais sejam, serem brancos, hábeis, heterossexuais, atléticos e atraentes. Assim, para esse autor, “masculinidade ortodoxa” está contida na “hegemônica”.

⁵ Não é meu objetivo aqui esgarçar o conceito de homofobia, mas colocá-la como elemento contraposto aos prazeres instituídos e vividos pelos agentes. Para Pronger (1990, p. 198), homofobia “is the fear of the allure of the homoerotic paradox and its concomitant destruction of the orthodox myth of gender and the knowledge about oneself that would bring”. Por sua vez, Anderson (2005, p. 46) destaca: “Homophobia in all these forms presents itself as resistance against the intrusion of a gay subculture within sports and serves as a way of maintaining the rigidity of orthodox masculinity and patriarchy.”

⁶ Carmen Rial (1998) mostrou como os espaços coletivos (por exemplo, o “terceiro tempo”, no rugby, onde mulheres não participavam) eram importantes para o regozijo do grupo e das referências construídas coletivamente.

No tocante a tais temáticas e procurando estabelecer um substrato comparativo entre sujeitos de outras modalidades, a entrevista que fiz com o mesatenista alemão NB (30 anos, “branco”, psicólogo) pode esgarçar mais o que empresto da literatura sob a designação subcultura do vestiário:

NB: Ontem, por exemplo, me senti estranho [*komisch*] no vestiário aqui da Faculdade de Esportes [de Colônia]. Já tinha notado no início da semana, mas não levei a sério. Achei o ambiente um pouco suspeito. Os rapazes me olharam de um modo diferente, não sei...

Eu: como assim?

NB: Ah, não sei bem ao certo. Eu entrei para tomar banho; havia alguns caras lá [no vestiário]. Daí peguei minhas coisas e fui tomar banho. Eles me olharam como se eu não devesse estar ali. Então fiquei incomodado, mas nem comentei com ninguém. Deixei para lá.

Eu: Eles estavam queerizando [*queering*] o vestiário? *Ri, tentando desconstrair a conversa.* Quero dizer, estavam te olhando com desejos ou algo assim?

NB: não, eles não eram gays! Acho que eram todos atletas de alguma equipe da universidade daqui. Daí me lembrei de ter ouvido que os vestiários aqui da faculdade de esporte são bastante... (*pausa*), como você disse?

Eu: queerizados...

NB: sim, deve ser isso. Ouvei dizer que os caras que fazem esporte nos programas de treinamento daqui são atacados por gays nos chuveiros. Parece que os gays daqui são “agressivos”, *risos*. Penso que eles acharam que eu era um gay que os atacaria, porque estamos na semana do Gay Games. Eu acredito nisso. Mas quando tomo banho nem penso em nada, apenas tomo o banho e saio. Acho que eles têm uma ideia errada dos gays. (Entrevista com NB, registro de campo, 04.08.2010).⁷

Quando NB reproduz a da história das masculinidades heterossexuais sendo potencialmente “atacadas” no vestiário por uma sexualidade “perversa” (notadamente “gay”), no limite, fomenta todo o imbróglgio acerca da ameaça ao poder público da “masculinidade ortodoxa”, conceito de Anderson (2005). Mais do que a “masculinidade hegemônica”, era a “masculinidade ortodoxa” que estava, supostamente, em “perigo”, uma vez que, no limite, era o “elevado grau de capital masculino” que havia sido posto em dúvida com a presença de um suposto homossexual “perverso” na área dos chuveiros. Para Pronger (1990), então, emergiria aí um “paradoxo homoerótico”, isto é, ao mesmo tempo em que a cultura atlética fomenta a existência e a concentração de uma desejável masculinidade na atmosfera do vestiário, não consegue controlar o potencial imaginativo

⁷ Traduzo, mas mantenho na língua original, certos termos carregados de ênfase, como os que foram destacados no trecho.

e o *quantum* de desejo que tal situação pode evocar. Por isso, a homofobia, isto é, o afloramento das reações violentas ao “igual”.

Refletindo sobre a situação narrada por NB, caso os atletas fossem homófobos, duas considerações poderiam ser postas: a) a existência de gays no vestiário não significa que haverá algum tipo de assédio sexual ou “ataque”, e b) nem todo homossexual masculino tem os mesmos gostos que outros “iguais” a ele — pois os desejos se materializam (socialmente) de formas distintas — e, portanto, os sujeitos do vestiário podiam não ser objetos de desejo. Assim se considerarmos tais premissas a existência de uma (homo)fobia explicitada nos olhares e nas expressões dos atletas seria despropositada e sem sentido.

Na verdade, no próprio depoimento de NB está incorporada e incrustada uma forma de preconceito relativo à existência da homossexualidade em ambientes esportivos, costumeiramente heterossexuais e heteronormativos, como os vestiários. Além disso, tal “reação” do grupo pode estar relacionada com uma espécie de “pânico moral” (MISKOLCI, 2007) acerca do homossexualismo (e, em particular, o esportivo), como os rumores espalhados pela pequena cidade de Colônia, durante os jogos, de que “gays atacavam heterossexuais nas duchas da faculdade de esportes”.

Lauren Berlant e Michael Warner (1998) descortinaram as formas de privatização da cidadania e do sexo na sociedade americana, por meio dos valores nostálgicos (e conservadores) da “família” contemporânea e chamaram atenção como isso tem relação estrita com os modos pelos quais a vida nacional pública é organizada em torno do sexo. Portanto, a heteronormatividade torna a heterossexualidade coerente dentro da “Cultura”.

Apesar de tratarem de um contexto sociocultural distinto (o estadunidense), há que se reconhecer que é via construção discursiva desse “sexo público” como modelo heteronormativo, edificador da “heterossexualidade compulsória” (SEDGWICK, 2007) e “espaço santificado” de um “comportamento imaculado” que as demais formas de sexo passam a ser condenadas e consideradas “abomináveis”, não apenas nos EUA, como em outras partes do mundo ocidental. Porém, como os autores abrem a consideração de que heteronormatividade e heterossexualidade não se equivalem, emerge a possibilidade de que nem todas as práticas heterossexuais estejam dentro de um marco heteronormativo.

A partir desta consideração, sugiro tomar o depoimento de HS (corredor de longa distância, de provas de pista e de rua, alemão, “branco”, de 48 anos):

HS: quando eu era bem jovem, as coisas eram diferentes entre os homens. Já te contei que quando era atleta [de atletismo] não me envolvia em sexo no vestiário, nem em pensamento. Mas muitas vezes havia uma [pausa] como vou dizer [*ficou sem jeito e riu*]... você vai dizer ‘que maluco, esse alemão!’

Eu: pode dizer, HS, estou ouvindo – *exclamei*.

HS: ... uma masturbação coletiva. Nós ficávamos nos masturbando no chuveiro, principalmente depois do treino. Eu gostava desse momento e ríamos muito. Isso aconteceu comigo muito nos treinos ainda do colégio (*Hochschule*) e também algumas vezes depois.

Eu: mas creio que isso é bastante comum entre adolescentes, não?

HS: sim, sim, porque estamos descobrindo o mundo do sexo. O que quero dizer é que aquilo me causava angústia, ansiedade, e muitos outros sentimentos. Quando tinha 14 anos, era apaixonado por um garoto. E veja que coisa: depois fomos atletas juntos, durante muito tempo, e nunca nada se passou. (Entrevista com HS, registro de campo, 24.10.2010).

O relato do atleta sobre sua sexualidade juvenil no contexto do colégio, e em anos posteriores em que ele continuava sua trajetória (no atletismo), não é muito distinto de outros casos já relatados e que tão comumente nos chegam aos ouvidos. Anderson (2005) atesta tais práticas como ordinárias nas culturas homosociais no esporte. Heidi Eng (2006; 2008), por exemplo, citou um atleta homossexual no *closet* (ou armário da sexualidade), que participava de atividades heterossexuais *disruptivas* (ou não convencionais, semelhantes às citadas por HS), também no vestiário, contudo sem expressar seus sentimentos “românticos” e seus desejos de tocar e ser tocado pelos colegas. Para ela, “sexual activity outside discourses of romantic love is acceptable in male heterosexual sport contexts. This is an example of how mainstream sport culture can exist alongside gay, cruising culture” (ENG, 2006, p. 59). Por isso que a masturbação coletiva de que participava HS coloca(va)-se como socialmente aceita — ao menos nos rincões homosociais masculinos.

Esta autora norueguesa tem se preocupado, nos últimos tempos, com o que chama de “doing sex/sexuality in sport” (fazendo sexo/performatizando sexualidade no contexto esportivo) e se dedica a entrevistar atletas gays, lésbicas ou bissexuais, participantes do esporte convencional de competição de seu país, que atuam, em outras palavras, dentro do espaço constituído pela heteronorma esportiva. Sua principal preocupação é até que ponto a existência *queer* (termo que significaria desviante, dissonante) contribui ou não para a “queerização” (subversão) dos contextos esportivos em questão, algo que discuto em outras ocasiões (CAMARGO, 2012a e 2012b). Mostra também que tais atletas

submetidos às normas heterossexuais do esporte vêem o território do vestiário como um local homosocial (porém não sexualizado), visto que nele as práticas sexuais são silenciadas ou ocorrem sob discursos de “normalidade”.

Aqui caberia uma crítica a Eng a partir da leitura de Judith Butler (2006), que ressalta que a heteronormatividade não apenas é imposta do exterior. Destacando duas observações importantes de Michel Foucault, ela argumenta:

1) el poder regulador no sólo actúa sobre un sujeto preexistente, sino también lavra y forma al sujeto; además, cada forma jurídica de poder tiene su efecto productivo; y 2) estar sujeto a un reglamento es también estar subjetivado por él, es decir, devenir como sujeto precisamente a través de la reglamentación (BUTLER, 2006, p. 68).

Ou seja, a heteronormatividade funciona como “poder regulador” que participa dos processos de subjetivação dos próprios sujeitos e se constitui, de outra parte, em relações de poder que materializam corpos como “sexuados” e “generificados”. É no campo concreto das práticas de poder que a divisão binária — masculino e feminino — se naturaliza e isso acontece devido à atualização dos dispositivos de saber-poder, tanto nas práticas sociais, quanto na materialização dos corpos e das subjetividades.

Nesse sentido não precisamos estar nas instituições de que tratou Foucault (escola, hospital, prisão) para depreender que o vestiário funciona como um espaço de “regulação” de corpos e produtor de subjetividades “obedientes”, consonantes com o mundo heterossexual (masculino). Por isso NB sentiu-se vigiado em suas condutas e HS angustiava-se ao fazer algo que, mesmo pertinente aos seus desejos, socialmente não era aprovado. Os espaços esportivos relativos aos vestiários e banheiros⁸, mesmo no formato de competições LGBT, também são segregados em masculinos e femininos, não havendo lugares específicos para sujeitos transgêneros, por exemplo.

No Campeonato Mundial OutGames-2009 (II World OutGames-2009), quando mapeava o Complexo Aquático *Copenhagen Aqua Arena* em busca de entender como os

⁸ Não diz respeito ao tópico em desenvolvimento, mas há na literatura análises acerca da prática sexual no espaço dos banheiros públicos. Designada como *tearoom trade* ou “acordo da sala de chá” (SIMON & BROOKS, 2009) ou, ainda, “banheirão” (JONES, 2011), ela é bastante comum no “ecossistema gay” (LEE, 1978), em banheiros de estações rodoviárias ou ferroviárias, envolvendo um “protocolo complexo” de ações e favores sexuais a ser desenvolvidas apenas entre dois sujeitos (SILVERSTEIN & PICANO, 1992). Penetração (ou intercurso sexual) é uma prática rara no contexto do “banheirão” e, dependendo do local (cidade, estado e mesmo país), pode envolver prisão por atentado ao pudor (sobre tal aspecto, consultar SIMON & BROOKS, 2009).

espaços estavam estruturados pela organização da natação e mesmo como/onde poderia encontrar potenciais interlocutores, acabei entrando, sem muita dificuldade, no vestiário masculino, apesar de não ser atleta inscrito na modalidade:

Entro por uma porta grande e vejo a primeira parte do vestiário da piscina. Provavelmente, o complexo aquático é recém-construído (ou reformado), visto que a pintura é nova e as pias, tubulações e mesmo os bancos para apoiar objetos são bem novos. As cores branco, bege e marrom compõem a paisagem, dando um ar de moderno ao local. Nessa peça do local encontrei alguns atletas se penteando, já totalmente trocados, sozinhos ou em grupos. Identifico os rapazes de Manchester; digo um “olá” cortês. Na verdade, ouvi dizer que havia dois brasileiros nadadores, mas que não tinham competido pelo Brasil. Então queria achá-los. Uma porta no meio da parede é a ligação entre o primeiro e um segundo espaço, esse composto por armários sobrepostos, para que ali sejam deixadas roupas e documentos. Ali tinha um grupo rindo muito e alto. Por sorte, encontro Pierre e os rapazes de Paris [*Fédération Sportive Gaie et Lesbienne – FSGL*]. Logo perguntei o que acontecia. Eles me contaram, em meio a gargalhadas, que havia uma “almôndega” no chuveiro. Não entendi e quando procuro saber o que é, de fato, vejo um grupo de três caras transando na área das duchas. (...) (Registro de campo, 31.07.2009).

A cena do sexo grupal em si não me causou espanto, mesmo porque seu conteúdo erótico misturava algo de sarcasmo e comédia. O que talvez tivesse começado com certo erotismo desprezioso, acabou se tornando uma espécie de *show*, no qual os “protagonistas” da cena pornográfica sabiam que estavam sendo vistos (e pareciam se divertir também com aquilo). Ao contrário dos espaços esportivos heteronormativos convencionais, onde tal conduta seria pública e condenada (talvez severamente), lá acontecia e, percebi que, aqueles que não se sentiam à vontade ou que a reprovavam, simplesmente deixavam o local. Mais do que vestiários, no entanto, notadamente os banheiros nos arredores das pistas de atletismo, ou junto aos vestiários da natação, ou ainda nas laterais das quadras de tênis, e mesmo nos ginásios poliesportivos (onde ocorrem modalidades coletivas) são locais privilegiados de encontros sexuais.

De volta a Foucault, é interessante destacar que as práticas disciplinares são práticas de regulação, através das quais cada sujeito figura como uma célula dentro de uma “microfísica do poder”, um ponto onde se cruzam efeitos das próprias relações de poder. Descrevendo o panóptico de Bentham e seus estratagemas, diz:

Dispositivo importante, pois automatiza e desindividualiza o poder. Este tem seu princípio não tanto numa pessoa quanto numa certa

distribuição concertada dos corpos, das superfícies, das luzes, dos olhares; numa aparelhagem cujos mecanismos internos produzem a relação na qual se encontram os indivíduos” (FOUCAULT, 2004, p. 167).

Parte das questões que envolvem o vestiário e a homossexual está bastante balizada pelo segredo/secreto e pelo desejo. Há quem defenda que a atmosfera do vestiário esportivo funciona muito mais como fomentadora das fantasias do olhar/imaginar, do que propriamente do realizar/fazer (PRONGER, 1990; ANDERSON, 2005; ENG, 2006). Quando era atleta — nos já longínquos anos da adolescência — até identificava certos movimentos no vestiário da faculdade de Educação Física onde treinava, principalmente quando chegava para a ducha diariamente depois das 21 horas ou às sextas-feiras à noite. Contudo, a estrutura policlesca heteronormativa da sociedade disciplinar introjetada em mim (e em mim elaborada) não me “deixava” fazer outra coisa que apenas ignorar.

O que ocorreu com AJ (50 anos, brasileiro, “branco”, nadador), nos vestiários da piscina do clube em que sempre treinou natação, foi um sentimento que se desenvolveu no ambiente homossocial *par excellence*:

Sempre tomei banho com aquele guri. Às vezes nem tinha tempo direito para sair da natação e ir atender uma paciente, mas eu ia tomar banho. Precisava ver àquele corpo, sabe? Foram anos que fiquei no armário e durante todos eles, nadava e treinava bem pesado. O meu maior prazer era depois do treino. Ver o Ricardo tomar banho não tinha preço, *suspira maliciosamente*. Eu treinava por ele. Me matava na piscina para vê-lo, depois, durante poucos minutos, debaixo da ducha. E ele nem percebia. Às noites sonhava com ele, até... mas nunca rolou nada. Acho que se [ele] suspeitasse, quebrava minha cara. (Entrevista com AJ, registro de campo, 02.08.2010).

A (homo)fobia do colega nadador só não foi disparada contra a explicitação de um desejo (homo)erótico, pois AJ não foi identificado “gay”. Para a realidade brasileira, esta é a camuflagem que muitos homens gays desenvolvem a fim de poderem sobreviver na selva de pedra das “masculinidades brutas” brasileiras sendo, portanto e ao mesmo tempo, partícipes de apoiadores destas.⁹

⁹ Não é o caso aqui e nem minha pesquisa se focou em “atletas brasileiros”— e, certamente, não atingiria apenas gays e lésbicas “brasileiros” — mas valeria à pena investigar o “conformismo” e a “resignação” aos valores atléticos convencionais dos sujeitos “normalizados”, termo proferido por Richard Miskolci (2011).

Pronger (2000), em desdobramentos de seus escritos, salienta que a homofobia no ambiente esportivo emerge para anular o homoerotismo propriamente dito (ou sua suspeita) e, quando ela se torna extremada, previne o “ataque heterossexual” sobre seus prazeres autoestigmatizados. Em seus termos, “Men’s Sport is particularly homophobic because of the omnipresence of implicit homoeroticism in a cultural practice that is supposed to build heterosexuality – homophobia helps to prevent what is implicit from becoming explicit” (PRONGER, 2000, p. 236).

São bastante comuns, e inúmeras de vezes também presenciei, pronunciamento verbais homofóbicos e sexistas — algumas vezes sutis, outras nem tanto — nos bastidores das competições LGBT e, geralmente, em lugares como os vestiários masculinos. O que é, no mínimo, enigmático, é o explicitar de comentários homofóbicos justamente em um ambiente de discriminações generalizadas. Nesse sentido, percebi algo semelhante quando vivi, durante anos, em ambientes esportivos de pessoas com deficiência. Os cegos discriminavam os cadeirantes, que eram alvo de piadas dos amputados e todos eram extremamente preconceituosos com os deficientes mentais (ou designados hoje deficientes intelectuais). Diria que a discriminação acontece, neste meio, “em cascata” e é recorrente no ambiente das práticas sociais (e também nas esportivas) de atletas com deficiências.

No Brasil, por ser o momento tenso devido a discussões acerca da homofobia, em amplos espectros sociais, opiniões preconceituosas e discriminatórias (mesmo as típicas piadas sobre machismo e virilidade brasileiros) tendem a ser mais brandas e entremeadas por discursos moralizantes e politicamente corretos.¹⁰

Em Berlim (Alemanha), cidade onde vivi de 2009 a início de 2011, frequentei o meio esportivo universitário e uma academia de musculação, nos arredores de minha moradia. Chamada de *McFit*, próxima da concorrente *Fitness First* — ambas localizadas no coração da capital alemã — era conhecida por ser um local de prática esportiva

Ou seja, no caro aqui tratado seriam gays/lésbicas que defendem abertamente valores heteronormativos no esporte, mesmo para si.

¹⁰ O caso Michael, da equipe Vôlei Futuro, pode ser ilustrativo desta argumentação: em abril de 2011, num jogo entre as equipes Vôlei Futuro e Sada Cruzeiro, em Contagem (MG), a torcida se manifestou agressivamente contra um dos jogadores da equipe visitante, Michael dos Santos, que seria homossexual. Os chamamentos de “bicha”, claramente homofóbicos, provocaram polêmica e o caso teve grande repercussão nacional e internacional (ALGREN, 2011). Devido ao ocorrido, Michael precisou se manifestar a respeito e confirmou, publicamente, seu *coming out* (SPINA, 2011). O Sada Cruzeiro foi punido com multa e, no jogo seguinte, a equipe de Michel estava vestida com as cores do arco-íris e a torcida da casa (Araçatuba) com balões e faixas de apoio.

migrante, em especial, turca. A identidade social que tal academia possuía no imaginário dos frequentadores era de ser um “reduto heterossexual livre da ameaça gay” (frase do corredor alemão HS). Isso porque tal identidade fora construída na comparação com a outra academia vizinha, que é conhecida por ser a “academia gay” da cidade, devido ao alto número de homossexuais masculinos que a frequentam.

Por isso, qualquer manifestação “estranha” no que diz respeito à sexualidade na *McFit* pode ser interpretada de modo homofóbico. Um sem-número de vezes observei, principalmente entre turcos (e demais minorias étnicas e religiosas) lá presentes, “brincadeiras” homofóbicas jocosas proferidas indiretamente no ambiente do vestiário, em especial, contra seus históricos “algozes” (os alemães), particularmente os mais efeminados:

Nesta academia em Berlim, por ser a mais barata da cidade (16,90 euros mensais) e a que fora planejada para ser ‘uma rede de atendimento esportivo ao grande público’, segundo o editor da Revista *McFit*¹¹, há uma grande quantidade identificável de migrantes. Dentre esses, os turcos se destacam como esmagadora maioria (assim como acontece em todo o país). Como se obrigam a falar alemão para se inserirem no meio social, não é raro eu observar jocosidades homofóbicas entre eles no ambiente do vestiário, especialmente quando identificavam algum “potencial” homossexual alemão (...). (Registro de campo, 04.04.2010).

Para além destas questões o vestiário igualmente apresenta um “potencial erótico”, que funciona como “armadilha”, independente das orientações sexuais, de acordo com Pronger (1990). Em sua vasta pesquisa com estudantes colegiais, esportistas universitários e atletas profissionais, o autor encontrou dados para afirmar que tal “potencial” gera respostas genitais-sexuais no ambiente comum do vestiário, como ereções penianas. O que pode ser “reações normais” (leia-se fisiológicas) para alguns, conforme ressalta, para ele esse “efeito” desencadeado é produto de uma “imaginação homoerótica” latente, e que, os homens “héteros” conscientes dela podem executar violentos comportamentos homofóbicos de negação da mesma, a fim de afastar qualquer suspeita de homossexualidade sobre si. Portanto, um “ataque” (físico e/ou verbal) a quem identificou tal “reação” seria bastante plausível.

¹¹ Revista mensal, publicada pela própria academia.

No entanto, se práticas veladas ou silenciosas — conforme designou Foucault (1985) — prevalecem e atos sexuais acontecem, isso se caracteriza como um “paradoxo homoerótico” (PRONGER, 1990, p. 205), e tal aspecto participa do que se pode chamar de “rotina paradoxal do vestiário”, que criaria um espaço seguro e permissivo — no qual coabitariam graus distintos de ortodoxia de ações heteronormativas masculinistas — coadunadas a práticas desejanças dos sujeitos, no caso, homossexuais. Reinam, assim, “múltiplos silêncios” que permitem a existência de gays (e outros sujeitos não-heterossexuais) no ambiente esportivo convencional. De outra forma, se deflagrada outra condição que não esta, tais figuras dissonantes apareceriam como caricatas, “desviantes”, “monstruosas”, “anormais” aos olhos heterocentros (FOUCAULT, 2001).

O que me parece enigmático nas práticas sexuais na área dos vestiários e das duchas, particularmente em competições e torneios LGBT etnografados por mim, é a mistura entre pornografia e erotismo, bem como a “tolerância” ou “aceitação” daquelas situações como se fizessem parte do que, costumeiramente, aconteceria no meio esportivo. Além disso, há ainda dado voyeurismo erótico estabelecido nos *locker rooms* destes torneios, desencadeado pelas fantasias dos sujeitos e (retro)alimentado por eles próprios e pelos espaços, em constantes reiterações.

3. Por uma “etnografia dos vestiários”: algumas notas finais

Situações vivenciadas em vestiários, inevitavelmente, evocariam o erótico e o pornográfico, componentes de uma relação provocadora, que incita a “vontade de saber” sobre o proibido, não acessível, como o sexo e a “sexualidade em marcha” do *outro*. Tanto um quanto outro (e mesmo o próprio voyeurismo) aparecem envoltas pelo segredo, por algo que é secreto, não permitido, interdito — ao menos naqueles espaços de trocas de roupas, em competições esportivas. Por isso, suscitam fascínio e despertam transgressão. Aqui se pode lembrar o “caso Lisa Olson”, uma premiada jornalista esportiva estadunidense, que durante a temporada de 1990 do futebol americano, decidiu desvendar a rotina dos atletas do New England Patriots, a partir de suas relações sociais dentro do vestiário. Ela acabou sendo assediada sexualmente, o que gerou um caso judicial e o reaparecimento das discussões em torno da decisão da Suprema Corte Federal Norte-americana a respeito da presença de mulheres em vestiários esportivos masculinos

(RICCHIARDI, 2005).¹² Tal caso é paradigmático para pensar que ainda há espaços masculinos intocáveis, verdadeiros rincões sagrados, que não podem ser acessados por outros agentes que não aqueles legitimados.

Voltando ao olhar perscrutador e desejante por saber sobre a sexualidade do outro, talvez seja possível pensar a pornografia e o erotismo como conceitos simultaneamente distintos, porém interligados. De acordo com Nuno Abreu (1996), eles transitariam

(...) sempre em terreno marcado pelas contradições, um território não-determinado, uma fronteira entre situações opostas, a tensão entre polaridades. (...) Essa impossibilidade de traçar limites precisos entre o erótico e o pornográfico é (...) sinal de sensatez e um bom ponto de partida, tendo em vista às contradições, o jogo semântico que cerca o uso social dessas palavras, a forma dialética como a história tem tratado do assunto (ABREU, 1996, p. 11).

Mais do que definir tais conceitos ou ater-se à abrangência de atuação de cada um, instigante talvez seja permanecer num jogo pendular das imprecisões. Carlos Gerbase (2006) chama de “falsas”, as fronteiras arbitrariamente imputadas entre erótico e pornográfico, destacando que, no campo do cinema, por exemplo, a separação entre tais termos é mais instrumental do que conceitual. Para esse autor a separação entre uma produção cinematográfica erótica e uma pornográfica é apenas um recurso de mercado, que “deveria ajudar o espectador a escolher o filme mais adequado ao seu gosto e evitar enganos ou constrangimentos” (GERBASE, 2006, p. 39). Portanto, ele a abomina, propondo uma aproximação com a estética artística, re-humanizando o sexo e refilmando o erotismo.

¹² Lisa Olson trabalhava para o jornal The Boston Herald e construiu sua reputação conseguindo bons e inusitados furos de reportagem. Sua ideia à época era entrevistar alguns jogadores do New England Patriots dentro do “espaço sagrado” do vestiário masculino. Tal atitude, tomada como invasiva por alguns atletas, provocou reações. Segundo Thomas George (1990) ela foi assediada verbalmente por Zeke Mowatt, que balançou seu genital oferecendo-o a ela. Robert Perryman fez o mesmo em outro momento, enquanto Olson estava de costas. Micheal Timpson gargalhava jocosamente durante o incidente. O clube foi punido com multa de US\$ 50 mil e os atletas também, porém com valores menores. De acordo com Ricchardi (2005), Olson recebeu ameaças dos torcedores e teve a casa assaltada. As ameaças iminentes causaram sua transferência para a Austrália a fim de trabalhar na sucursal do jornal americano, o Sydney Daily Telegraph Mirror. De lá moveu uma ação por danos morais contra o Patriots de US\$ 250 mil. Retornou oito anos mais tarde para os EUA e ainda sofreu perseguição de fans obcecados com o ocorrido.

De fronteiras indiscerníveis e imprecisas, retornando aos argumentos de Abreu (1996), os conceitos não dependem das mensagens enviadas, mas da recepção dessas, do que é aceitável ou inadmissível pelo(s) receptor(es) delas.

Portanto, para os atletas desta pesquisa que participaram de/observaram situações eróticas e/ou pornográficas, explícitas ou insinuativas, em ambientes esportivos (bem como eu, pesquisador, em dados momentos, também tive acesso a elas), o “estar dentro” (participante) ou o “estar fora” (observador) de tais cenas desvela a pornografia como um elemento veiculador do obsceno — ou como registra Abreu (1996, p. 19), ela “(...) exhibe o que deveria estar oculto. Espaço do proibido, do interdito, daquilo que não deveria ser exposto. A sexualidade fora do lugar”. Ao erotismo, tais situações dentro/fora trariam os desafios da ultrapassagem dos limites, dos excessos, dos transbordamentos do/de prazer e da própria condição humana. A articulação entre erótico e transgressão estaria no que Georges Bataille (1987) define como erotismo: “A passagem do estado normal ao de desejo erótico supõe em nós a dissolução relativa do ser constituído na ordem descontínua” (BATAILLE, 1987, p. 16-17)¹³.

O enigmático é que, nas situações narradas até aqui, mesmo os atos sexuais tendo sido identificados por terceiros, não causaram constrangimento em quem deles participava, ou muito menos, deixaram de acontecer por causa de um *olhar voyeur* estabelecido. As práticas sexuais no ambiente do vestiário, mesmo nos bastidores das competições LGBT, são consumidas como produto interdito, “fruto proibido”, que quando consumido, dispara uma sensação de transgressão, de prazer, estabelecendo, assim, uma relação simbólica com aqueles que o consomem. Daí, portanto, as fantasias dos sujeitos e seus imaginários acerca do esporte como fomentador dos encontros sexuais (mas também possivelmente amorosos, por que não?) elevam-se a enésima potência, multiplicando as chances do consumo do “esporte LGBT” ser dado via uma “mercadoria sexual”, amplamente desejada e consumida.

Para aqueles que observam tais situações do ponto de vista *voyeur* o ato sexual nos espaços dos vestiários oferece ao olhar espectador algo que, por definição, está ausente do próprio olhar. Este “espectador-*voyeur*” — em termo proferido por Abreu (1996) — está vendo o que não está presente e nem está interessado apenas em observar.

¹³ Como se sabe, Georges Bataille propõe uma ligação entre violência e êxtase erótico. No início de seu livro anuncia o que parece ser a hipótese a ser testada: “Do erotismo é possível dizer que ele é a aprovação da vida até na morte.” (BATAILLE, 1987, p. 11).

De acordo com Pierre LeVenly *apud* Abreu (1996), “o objeto de desejo do *voyeur* não é o que ele observa, mas o seu próprio prazer” (ABREU, 1996, p. 183). Isto quer dizer que o real objeto de desejo seria o próprio prazer do sujeito, ou seja, sua própria excitação.

Partindo do que foi trazido sobre a sexualidade em meios esportivo como vestiários e banheiros, em que medida poderia afirmar que há um regozijo coletivo no fomento e na manutenção de tais espaços esportivos, baseando-me no que chamo de “guetificação esportiva sexual”?¹⁴.

Se, historicamente, a sexualidade fora construída em segredo e a história do segredo permanece no armário da sexualidade, como nos trouxe Eve Kosofsky Sedgwick (2007), o que ocorre no vestiário esportivo LGBT também participa de um segredo único, peculiar, que é partilhado apenas quando há um pacto entre àqueles envolvidos nele e os que dele são “autorizados” a participar, no caso, os “espectadores-*voyeur*”. E, por acontecerem em um ambiente de práticas esportivas exclusivas (ou sectárias), seriam tais atos legitimados e, conseguintemente, silenciados — mas, desta vez, ao reverso: são (atletas) heterossexuais que não têm a mínima ideia do que ocorre naqueles ambientes.

Para melhor depurar tais práticas erótico-pornográficas seria imprescindível sugerir uma “etnografia dos/nos vestiários”, no sentido de tentar compreender as práticas homosociais comuns relacionadas aos corpos nus/seminus e às expectativas (ou ausência delas) dentro destes locais (e também dentro de banheiros, por extensão).

4. Referências bibliográficas

ABREU, Nuno Cesar. Estética e Marketing: dar na vista. In: **O Olhar Pornô: a representação do obsceno no cinema e no vídeo**. Campinas: Mercado de Letras, 1996. p. 93-134

ALGREN, Matt. Brazil Stadium turns pink after faggots chants chock community. 2011. Disponível em: < <http://blog.mattalgren.com/2011/04/brazil-stadium-turns-pink-after-faggot-chants-shock-community/>>, acesso em 11 maio 2011.

ANDERSON, Eric. **In the Game: gay athletes and the cult of masculinity**. New York: State University of New York Press, 2005.

BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Trad. Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

¹⁴ Hipótese desdobrada por mim em Camargo e Rial (2011).

BERLANT, Lauren and WARNER, Michael. Sex in Public. **Critical Inquiry**, Vol. 24, No. 2, Intimacy, Winter/1998, pp. 547-566.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. Macho versus macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo. **Cadernos Pagu**, n.28, 2007: 175-206.

BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do "pós-modernismo". **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 11, p. 11-42, 1998.

_____. El reglamento del género. In: **Deshacer el Género**. Barcelona: Paidós, 2006. p. 67-88.

CAMARGO, Wagner Xavier de. **Circulando entre práticas esportivas e sexuais: etnografia em competições esportivas mundiais LGBTs**. 2012. Tese (Doutorado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012a.

_____. Tempos Queer: práticas esportivas dissonantes. 2012b. No prelo.

CONNELL, Robert W. **Masculinities**. 2nd Edition. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 2005.

DAMATTA, Roberto. ‘Tem pente aí?’ Reflexões sobre a identidade masculina. In: CALDAS, Dário. **Homens**. São Paulo: SENAC, 1997. p. 31-49.

EDELMAN, Lee. Banheiro dos homens. In: PENTEADO, Fernando. M.; GATTI, José. **Masculinidades: teoria, crítica e artes**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011. p. 255-268.

ENG, Heidi. Queer athletes and queering in sport. In: CAUDWELL, Jayne (org.). **Sport, Sexualities and Queer/Theory**. London/New York: Routledge, 2006. p. 49-61

_____. Doing Sexuality in Sport. **Journal of Homosexuality**. v. 54 (1/2) 2008. p. 103-123.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 28^a edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

_____. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FRY, Peter & MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GEORGE, Thomas. Patriots and 3 Players Fined in Olson Incident. **The New York Times**. 1990. Disponível em < <http://www.nytimes.com/1990/11/28/sports/patriots-and-3-players-fined-in-olson-incident.html>>, acesso em 29 mar 2012.

GERBASE, Carlos. Imagens do sexo: as falsas fronteiras do erótico com o pornográfico. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, n. 31, dez/2006: 39-46.

HALBERSTAM, Judith. Una introducción a la masculinidad femenina. Masculinidad sin hombres. In: HALBERSTAM, Judith. **Masculinidad Femenina**. Trad. Javier Sáez. Madrid: Egales Editorial, 2008. p. 23-66.

JONES, William E. Caça às Bruxas no Banheirão. In: PENTEADO, Fernando Marques; GATTI, José. **Masculinidades: teoria, crítica e artes**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011. p. 241-254.

LEE, John Alan. Tearooms. In: LEE, John A. **Getting Sex**. A new approach: more fun, less guilt. Don Mills: Musson Book Company, 1978. p. 128-141.

MARCUS, George. Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography. **Annual Review Anthropology**, v. 24, p. 95-117, 1995.

MISKOLCI, Richard. Aula magna: O Desafio de um Currículo Queer (2011). Vídeo-aula postada na internet. Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=HbYbPCwMjZg>>, acesso em 18.ago.2011.

_____. Pânicos Morais e Controle Social: Reflexões sobre o Casamento Gay. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 28, p. 101-128, 2007.

PRONGER, Brian. Homosexuality and Sport: who's winning? In: MCJAY, J.; MESSNER, M. A.; SABO, D. **Masculinities, gender relations, and sport**. London: Sage, 2000. p. 222-244.

_____. Sex and Sport. In: PRONGER, Brian. **The Arena of Masculinity**. Sports, homosexuality, and the meaning of sex. New York: St Martin's Press, 1990. p. 177-213.

RIAL, Carmen Silvia. Rugby e Judô: esporte e masculinidade. In: Pedro, Joana; Grossi, Miriam. (Org.). **Masculino, Feminino, Plural**. Florianópolis: Mulheres, 1998. Texto original (sem edição). p. 01-20.

RICCHIARDI, Sherry. Offensive Interference. **American Journalist Review** (online), jan/dec 2005. p.1-7. Disponível em < <http://www.ajr.org/Article.asp?id=3788>>, acesso em 29 mar 2012.

ROSS, Andrew Israel. Dirty Desire: the uses and misuses of public urinals in Nineteenth-Century Paris. **The Berkeley Journal of Sociology: a critical review**. v. 53, 2009: 62-88.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos PAGU**. Campinas, v. 1, n. 28, p. 19-54, jan/jun/2007.

SILVERSTEIN, Charles & PICANO, Felice. **The new joy of gay sex**. New York: Harper Perennial, 1992.

SIMON, Rita J. & BROOKS, Alison. **Gay and Lesbian Communities: the world over**. New York: Lexington Books, 2009.

SPINA, Ricardo. Árbitro não relata homofobia a jogador do Vôlei Futuro e CBV aguarda decisão do STJD. 05.04.2011. Disponível em: < <http://esporte.uol.com.br/volei/ultimas-noticias/2011/04/05/arbitro-nao-relata-homofobia-a-jogador-do-volei-futuro-e-cbv-aguarda-decisao-do-stjd.jhtm>>, acesso em 20 maio 2011.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Senhores de Si**. Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade. Lisboa: Fim de Século. 1995.